

OPINIÕES DE DELTA

3

* Sobre Fogos de Conselho

* Sobre Reuniões de Patrulha

* Sobre o cumprimento da
Lei escoteira

Por REX HAZLEWOOD

Encontrei o chefe **Sauro José Bartolomei**, no 1º Jamboree Nacional da UEB, em janeiro de 1999, ocasião em que ele me contou como foram feitos várias coleções de livretos como este.

Ele traduziu, mandou imprimir às suas custas alguns dos primeiros exemplares desta coleção. Doou os livretos à Editora Escoteira, que com o dinheiro obtido na venda, ele conseguiu fazer mais outros fascículos.

Entretanto, a UEB interrompeu o ciclo de fazer mais livretos, alegando que precisava dos valores para outros fins. Talvez seja por este motivo a informação que consta na contra capa interna do 8º fascículo.

OPINIÕES DE DELTA

3

* Sobre Fogos de Conselho

* Sobre Reuniões de Patrulha

* Sobre o cumprimento
da Lei Escoteira

Por REX HAZLEWOOD



EDITORA ESCOTEIRA
UNIÃO DOS ESCOTEIRO DO BRASIL

“THE OPINIONS OF DELTA”
Edição de The Boy Scout Associatino – 1947

**À memória do Monitor Harry Howe
e do Submonitor David Maitland**

**A UEB homenageia o Chefe Sauro Bartolomei que
ajudou muito na 1ª edição desses livretos.**

**Os direitos autorais pertencem ao Autor que autorizou
expressamente esta tradução e adaptação brasileira da
Editora Escoteira**

1ª Edição – 1.000 exemplares – 1969

2ª Edição – 1.000 exemplares – 1984

APRESENTAÇÃO

DELTA é o tipo perfeito do Escotista, quer como Chefe de Tropa, quer como chefe de Grupo — um verdadeiro “guia, filósofo e amigo” — que orienta os Monitores, os Seniores e alguns jovens Escotistas.

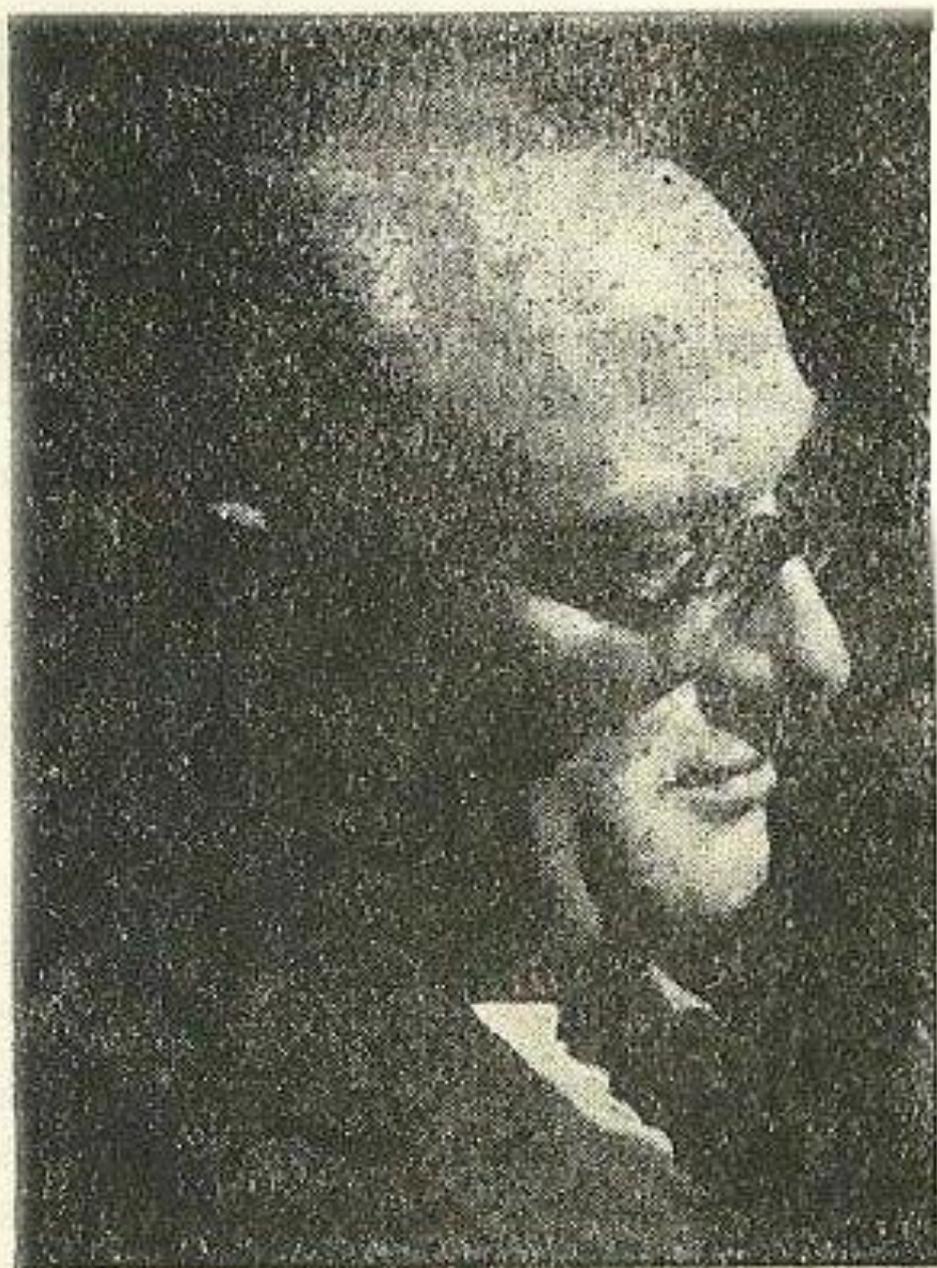
Suas conversas com eles incluem todos os assuntos e problemas que surgem na vida de uma Tropa ou Grupo, quer no planejamento e organização de atividades, quer nas relações humanas.

Sua visão sadia e equilibrada leva-o, muito mais, a procurar valorizar o Escotismo, associando-o com muitas outras matérias que o ampliam — religião, arte, música, poesia, literatura, passatempos, esportes, etc... — do que a cair no perigo de querer excluí-las, seguindo uma trilha escoteira excessivamente estreita.

Todos os personagens e todas as cenas desta série de livros — “Opiniões de Delta” — são reais, tiradas da própria vida; nisto repousa o valor e encanto destes livrinhos.

Muitos leitores irão se encontrar (agora ou mais tarde), em situações e cenas parecidas com as que acontecem em torno de DELTA; quando estiverem vivendo esses episódios, irão resolver melhor seus problemas por terem lido as Opiniões de Delta sobre assunto semelhante. E diante de problemas novos irão indagar: — “Que diria ou faria Delta?”.

É para nós uma honra apresentar aos leitores o Escotista Delta; os Monitores: Miguel (também chamado Migo), Rafael, o Anjo, Ricardo (Dico) e os que só são conhecidos pelos apelidos — Pastel e Azul; o novo e jovem Coadjutor, Felipe, que está organizando uma Tropa em sua Igreja; o ex-Monitor Rodolfo (Rodo) que vai dirigir uma outra Tropa; e os novos Escotistas do Grupo de Delta, Adriano e David. Sabemos que terão muito prazer em conhecê-los.



Rex Hazlewood

SOBRE FOGOS DE CONSELHO

NOVEMBRO

Delta estava sentado no jardim nesta tarde quente de Novembro. As andorinhas continuavam a escrever, no ar dourado, as suas assinaturas. Na completa paz, fumando, observava os goivos, a cor da mostarda, pálida como coalhada, vermelho escuro como fígado, como a luz do fogo brilhando sobre o castanho avermelhado do mogno. Próximo, estava sentada sua mãe, fazendo tricô e lendo, mas, ao mesmo tempo consciente do seu filho, dos liláses, e da última borboleta voando incerta para o lar. Miguel e Azul atravessaram o gramado com as toalhas e calções de banho, molhados, nas mãos.

“Estava gostoso o banho? Nadaram muito?” perguntou ela.

“F-formidável!” disse Miguel sentado-se na relva. “Quer que ajude a enrolar um p-pouco de l-lã?”

“Quero, Migo.” disse a mãe de Delta, apanhando uma nova meada e pondo-a em suas mãos. “A limonada gelada está na sala de jantar, Azul.”

“Já esperava,” disse Azul rindo, “e foi só por isso que vim até cá.”

“Você quer uma cerveja, Del?” perguntou sua mãe.

“Por favor”, disse Delta. “Será melhor trazer dois canecões. Aí vem Felipe.”

Azul saiu para buscar os refrescos, acenando a mão para o jovem Coadjutor, que cumprimentou a mãe de Delta antes de se acomodar na grama.

“Então?” perguntou Delta, “satisfeito com o seu acampamento de fim de semana?”

“Satisfeito?” disse Felipe. “Estou exultante! Vou começar agora mesmo uma campanha entre os meus irmãos de batina para que promovam maior número de acampamentos de fim de semana nas Tropas patrocinadas pela Igreja. Por que não podem os Padres como eu ir na madrugada de Domingo, de motociclo ou de carro, até o local do acampamento rezar a Missa e dar a Comunhão aos rapazes? É à luz do sol da tarde os rapazes poderiam fazer a sua pequena Cerimônia Religiosa, em que todos estariam presentes e participariam pessoalmente do culto que eles mesmos organizaram. Assim os rapazes ficariam mais conscientes para atuar como membros da igreja quando não estivessem acampados.”

Azul chegou, equilibrando com cuidado uma bandeja carregada e foi distribuindo as bebidas.

“Delta,” disse logo Felipe, “vim buscar mais ensinamentos. Tenho uma grande ambição, aquele pecado que provocou a queda dos Anjos. E talvez mesmo inveja. O Azul dirigiu o Fogo de Conselho no último fim de semana, e apesar de não contar com um grupo já experimentado, foi um assombro. Por favor, Delta, desejo me tornar um Animador de Fogos de Conselho como Azul.”

“Que ambição!” zombou Miguel. “Aposto que você, Azul, andou se exibindo...”

“Não me exhibi, não,” disse Azul, mas acontece que todos aqueles garotos estavam pela primeira vez num Fogo de Conselho e eu tive que fazê-lo um pouco mais vivo.”

“Vamos, meu filho,” disse a mãe de Delta. “Você deve ajudar Felipe.”

“Estou com preguiça,” disse Delta rindo. “Que absurdo ter que fazer numa tarde assim... Pois bem. Azul, para você, que é um Fogo de Conselho?”

“Bem,” disse Azul, deitado no relvado, “depende do tipo de Fogo de Conselho a que você se refere.”

“Eu não sabia que existiam Fogos de Conselho de diferentes tipos,” disse Felipe.

“Mas, é claro que existem!” disse Miguel. “Pode ser, por exemplo, aquele em que a Tropa apenas se senta em torno de um Fogo Comunitário — (esta é a palavra certa, Del?) — no fim do dia, tomando um chocolate, conversando e contando estórias.”

“Você me entende, Felipe,” disse Azul, “Quando você está cansado de ter corrido de um lado para o outro durante o dia inteiro, é gostoso apenas sentar e observar a fumaça que sobe e as estrelas que cintilam. Não sei explicar, mas sei como a gente se sente bem.”

“Penso,” disse Delta, “que quando B.-P fala em Fogos de Conselho, é a este tipo que ele se refere. Suas “Conversas de Fogo de Conselho”, apresentando, numa mistura de estórias e de técnicas, os assuntos que seriam o objeto das instruções e atividades do dia seguinte, naquela acampamento experimental da ilha de Brownsea, e que hoje são os capítulos do livro “Escotismo para rapazes” — foram feitas em Fogos de Conselho deste tipo. É um momento de paz no fim do dia, quando todos, cansados e felizes, se sentam junto ao fogo para refletir sobre o dia de hoje — como ele foi — e o de amanhã — como ele será.”

A mãe de Delta recitou docemente:

“As brazas do poente em fogo estão
Por trás do monte — negra silhueta.
Sobe a fumaça clara do fogão;
Na casa escura do leito se oferece.
E a floresta, em trevas, já se aquieta.”

“Obrigado, minha senhora,” disse Felipe. Delta e sua mãe trocaram sorrisos de ternura e compreensão.”

“Nestes Fogos,” disse Azul, “Você não se sente disposto a cantar muito, exceto, talvez, uma ou duas canções em cântico, lentas e tranquilas.”

“Não há necessidade de um programa, nem de um Animador,” disse Delta. “Basta, apenas, começar a cantarolar docemente, levado pela necessidade emocional, movido pela inspiração do momento. Os

outros se associam ao seu canto ou ficam apenas ouvindo. O sono cresce. Você diz as suas orações. E todos vão para a cama.”

Houve um momento de silêncio.

“Noutros vezes todos se sentem mais alegres e vivazes, e então você precisa de um programa adequado,” disse Azul.

“Um Fogo de Conselho também pode ser um meio de descartar-se de um excesso de energia, de animação e de jovialidade,” disse Delta, “e o bom Escotista leva isto em consideração, em conjunto com as restantes atividades do dia. Talvez se possa chamar este segundo tipo de Fogo de Conselho Formal. Você pode ter convidados para assistirem. Talvez você deva ter uma cerimônia de abertura mais solene e preparada. Não haverá nele nenhuma conversa ou discussão, ainda que alguém possa contar uma estória. A hora, ou pouco mais, é preenchida pelos cantos, os gritos e as gargalhadas. E aqui, Felipe, aproveito para lhe dar a Máxima nº 1 sobre Fogos de Conselho: ‘As canções são para cantar e os gritos para gritar’. O Animador de Fogo de Conselho que permite aos Escoteiros berrar as canções, não merece este título.”

“Suponho que neste tipo você precisa de um programa preparado, não é?” perguntou Felipe.

“Uma espécie de programa,” disse Azul. “Desculpe, Del, você é que estava falando.”

“Não, continue...” disse Delta.

“Bem, então se eu errar, você corrige,” disse Azul. “O que o Animador do Fogo de Conselho deve ter é uma lista de cerca de vinte canções, coros e gritos de aplausos que ele supõe, provavelmente, necessitar. É como eu faço sempre e, afinal de contas, sempre tenho sido bom nisto. Não há necessidade de manter uma ordem previamente estabelecida. Às vezes os “caras” parecem querer canções vivazes, outras vezes percebo que estão com o ânimo sonhador e lânguido e, então, não seria bom cantar “A Polenta”, ou “A Árvore da Montanha”, porque seria um fracasso.”

“Excelente, Azul,” disse Delta. O espírito de um círculo de Fogo de Conselho é tão vivo, palpitante e sensível quanto as chamas que pulam e dançam sobre a madeira empilhada. Você sente quais as can-

ções que satisfazem aquele humor, que são adequadas àquela disposição de espírito. Como você sabe, ser um Animador de Fogo de Conselho é uma tarefa técnica, e, quando os Escotistas compreenderem isto, os nossos Fogos de Conselho e a cantoria escoteira serão a coisa maravilhosa que devem ser. Sem dúvida, pessoas diferentes terão métodos diferentes, mas devo dizer que nesta espécie de "Concerto", neste "Fogo de Conselho Espetáculo", o Animador deve exercer um completo controle. Dizendo em outras palavras: ele e a Tropa devem formar uma unidade — há uma disciplina necessária. Ele não deve ser dogmático. Deve ser incentivador e observador para tirar o máximo da multidão — mas deve ser firme e não fazer concessões. E por fim, pode parecer óbvio, mas não foi óbvio em alguns Fogos de Conselho que sofri — ele deve conhecer as letras e músicas."

"Na verdade", disse Felipe, "estava pensando que isto é óbvio. E, suponho que ele deve conhecer um grande número."

"Quantas você calcula ser capaz de dirigir, Azul?" perguntou Del.

"Não tantas quanto você," disse Azul sorrindo. "Cerca de uma centena, suponho. Compreenda, Felipe, não podemos cantar qualquer tipo de canção. Somos um tanto especializados. Nem todas as canções servem para Fogos de Conselho."

"Isto soa como esnobismo, Azul," disse a mãe de Delta.

"Ora, eu não quero que compreendam assim," disse Azul. Não é esnobismo. Mas uma vez eu estive num Fogo de Conselho de outra Tropa e tudo o que eles fizeram foi berrar canções de Jazz, Swing, Rock-and-Roll, lê-lê-lê, com intervalos de Boleros e Chá-Chá-Chá."

"Acho que há um bom meio de decidir se uma canção é da espécie que deve estar no repertório da Tropa," disse Migo que já acabara de enrolar a lã e de beber a limonada e estava agora sentado confortavelmente de frente para Azul. "É só pergunta a si mesmo: Este é o tipo de canção que B-P. acharia O.K.? Na verdade não sabemos se B-P. aprovaria, mas isto nos dá uma espécie de padrão para nosso uso."

"Eu acho que é um bom padrão," disse Felipe. "Eu não posso imaginar B-P. entusiasmado por uma canção que diz: "Você é, ou você

não é, minha bebezinha?" Ou outras variantes: "Você é meu doce de côco" e "Você é meu tijolinho".

"Ou essas outras," disse Azul: "Tornei-me um ébrio..." e "Você pensa que cachaça é água..."

"É claro que não," disse Delta, "mas, acredito que ele gostaria das músicas folclóricas, dos cantos de marinheiros e de vaqueiros, das velhas canções varonís dos espetáculos de variedades e de várias músicas populares antigas. São parte da nossa tradição e B-P. aconselhava cultivar as tradições nacionais. Lembremos alguns títulos: Luar do Sertão; Prenda Minha; Cisne Branco; Boi Barroso; O meu boi morreu; Luar de Paquetá; Maricota sai da chuva; A Europa curvou-se ante o Brasil (sobre Santo Dumont); A fonte a cantar, chuá, chuá; Atirei um pau no gato-to; Pésinho; Peguei um Ita no Norte; Luar do Sul; Ái, Ái, Ái, a madrugada que passou não volta mais; Alecrim dourado; Meu limão, meu limoeiro; Balaio, meu bem, balaio; Tu não te lembras da casinha pequenina; Como pode o peixe vivo; Mulher rendeira; Olha a Rosa amarela; Ele não sabe que seu dia é hoje (Boi bumbá); De papo pró ar; Maringá, Maringá; Vai, boiadeiro, que o dia já vem; e tantas outras. Há uma indígena linda: Nozaninã ore duá cuá."

Miguel lembrou: Nós também gostamos de cantar as rodas ou músicas de roda infantis. Há algumas que são lindas: Ciranda, Cirandinha; Se essa rua, se essa rua fosse minha; A mão direita tem uma roseira; Samba lélé está doente; Nessa rua, nessa rua tem um bosque; Onde está a Margarida; Eu sou pobre, pobre, pobre; Teresinha de Jesus, etc.

"Há muitas canções de operetas famosas, nacionais, como "A juriti", ou estrangeira, como "A Viúva Alegre" (especialmente a "Canção de Vilia" e o coro masculino "As mulheres") ou o "Canto do Amor indiano" da opereta "Rose Marie", disse Delta.

"Existem também," lembrou Azul, "as canções intermináveis de estudantes para esgotar a paciência: Um elefante incomoda muita gente...; Um elefante se embalançava, numa teia de aranha..."; Se a perpétua cheirasse...; Era uma vez um barquinho pequenino...; e outras semelhantes."

“Devemos conservar vivas,” disse Delta, “as canções Escoteiras de Benevenuto Celine dos Santos, que são todas lindas. Agora quase que só se canta as suas canções oficiais: o “Alerta!” e o “Rataplan do Mar” Mas ele têm muitas outras: “Rumo ao Mar”; “Bombordo e Boreste”; “Canção do mar” (que tem duas letras, esta para Escoteiros do Mar e outra para Escoteiros de terra conhecida pelo seu primeiro verso: “Quando o Escoteiro se orienta e parte”); “Perguntas e Respostas”, “Terra Brasileira”; e “A jornada do Escoteiro”. Outra tradicional é o “Quebra Côco”. Entre as de origem estrangeira já incorporadas ao nosso repertório escoteiro temos: Igoniamá; Guin, Gan, Guli; Iucaidí, iucaidá; Stodola; De B-P. guardo o espírito; Volta a Gilwell; Nos meus sonhos volto sempre a Gilwell; e outras. É claro que uma Tropa deseja conhecer tantas canções que possa sempre variar, sem que nenhuma fique demasiadamente batida. Cantar é parte essencial do método escoteiro que devemos conservar viva. Para encerrar o Fogo existem os dois Cantos do Silêncio (nacional e internacional) o “Auld Lang Syne” (Porque perder a esperança) e o canto da Promessa.”

Azul lembrou: “Delta você não mencionou as canções de repetição e movimento que tanto animam os Fogos de Conselho: Alouette; A árvore da Montanha; Polenta; Ich bin ein Musikant; Acorda, Escoteiro, Acorda, que o galo já cantou; Cuco; Chapéu de três bicos; Escravos de Jób; A velha que tinha um gato, O mar estava sereno, Eu perdi o dó de meu clarinete, etc.”

“Para iniciar o Fogo”, disse Miguel, “há o “Dá-me Fogo tuas chamadas”.

“Mais devagar, “disse Felipe que estava escrevendo. Depois perguntou: “E sobre os cânones?”

“Depois que a sua turminha descobrir que um cânone não é uma competição ou corrida, mas um esforço conjugado, cooperativo,” disse Delta, “você poderá fazê-la cantar e tudo irá relativamente bem. Se você quer os conselhos de minha experiência, comece com o mais conhecido dos cânones: “Frère Jacques” — cantado bem lentamente, bem docemente, para que os seus jovens percebam a beleza dos acordes num cânone bem cantado. Jamais cante um canone com rapidez.

É um erro comum e terrível. Nem comece ensinando cânones cômicos. Se começar com um cânone cômico, nunca mais conseguirá que sua Tropa cante com seriedade um cânone sério. Após o Frère Jacques e as suas versões em inglês e português, introduza os seguintes: Viva o sol, no céu de nossa terra; Em silêncio, acampamento; e Rema o seu barquinho.”

Felipe anotava febrilmente os conselhos e os nomes das canções que eram mencionados. Mas aproveitando a pausa, perguntou: “E sobre Hinos e Canções de Marcha?”

“É claro que a Tropa deve saber o Hino Nacional e os Hinos à Bandeira, da Independência e da Proclamação da República, mas para Cerimônias cívicas, não para Fogos de Conselho,” disse Miguel peremptório.

“Exato,” disse Delta. Quanto as canções de marcha, são mais úteis como canções de estrada, quando temos que fazer um percurso enfadonho por uma estrada ou rodovia, e queremos fazê-lo rapidamente. A marcha dará a cadência mais viva (embora não se exija passo certo) e serve como distração. Porém eventualmente, podem ser usadas nos Fogos de Conselho, ou com as palavras originais ou com versos de assunto escoteiro, ficando neste último caso também as marchas militares estrangeiras conhecidas mundialmente. Você, Felipe, pode anotar algumas: a marcha dos esportes náuticos, já bem antiga, chamada “Guanabara”, melhor conhecida pelo seu primeiro verso: “O sol ao despontar, nos convida, a remar...”. Ela tem também uma letra de assunto escolar: “... nos convida a estudar...”. É realmente uma linda marcha. Muitas patrióticas antigas são várias: “Nós somos da Pátria marcha. Marchas patrióticas antigas são várias: “Nós somos da Pátria a guarda...”; “Brasil, nome sagrado...”; “Amo tanto e estremeço esta terra...”, todas de lindas melodias. Mais modernas são as canções escolares: “Brasil, teu povo é forte...”; o Canto do Pagé. (Ó manhãs de sol...); “Prá frente, ó Brasil... Marchemos pelos campos”, etc. Marchas escoteiras, além das já mencionadas de Benevenuto Celine, temos: “Ó Brasil, ó colosso do sul...” e a canção do Ajuri Nacional: “Viemos do Norte, do Sul e do Leste...”. Quanto às estrangeiras: “Guarda tuas

máguas no bernal..." e "Nas montanhas, nas baixadas (com a melodia de "Over hill, over dale")."

"Que mais pode entrar num Fogo de Conselho?" perguntou Felipe.

"Nunca exagere o número de gritos e de aplausos ritmados. Eles não têm lugar após as canções que foram cantadas por todos," disse Delta. "É como se você se aplaudisse a si mesmo. Os gritos só devem ser usados para saudações ou como uma forma sonora de agradecimento. Os aplausos cantados ou ritmados devem ser reservados para quando os demais, que estão no Fogo de Conselho, aplaudem um número individual ou feito por uma Patrulha ou um grupo dos presentes. Devemos também acabar com o excesso de números teatralizados. O que quer que seja o Fogo de Conselho, não é, com certeza, nem uma torcida organizada que só sabe gritar aplausos, nem um circo ou espetáculo de 'Music-hall, em que se assiste seguidamente números cômicos e exibição de proezas. Uma cena feita por uma Patrulha (que não precisa ser, obrigatoriamente cômica: o melhor número que já assisti foi a parábola do Bom Samaritano em mímica) é o bastante para uma noite."

"Sua opinião, Delta, sobre instrumentos musicais no Fogo de Conselho, por favor," pediu Felipe.

"Depende do instrumento," disse Delta. "O Fogo do Conselho não é um Salão de Concertos. Os Escoteiros alemães, para onde vão, levam seu violão às costas (uma tradição que remonta aos menestres medievais e ao movimento juvenil "Wandervogel" que existia antes do Escotismo). Com o surto atual da música popular brasileira, moderna, os festivais de canções, etc., viu-se que a nossa juventude realmente gosta de compor música boa, gosta de tocar e de cantar com acompanhamento. O Escotista prudente, que realmente cumpre o princípio básico de levar em conta o que o jovem gosta, só pode favorecer este surto de musicalidade jovem. Assim incentivará o uso do velho violão, e de outros instrumentos como o cavaquinho, a gaita de boca e a flauta, e os pequenos instrumentos de percussão — sempre com a finalidade de servirem, estes instrumentos, de acompanhantes do canto. Com isso se introduzirá nos Fogos de Conselho a música popular que eles gostam:

desde Noel Rosa, Ari Barroso e Dorival Caymy, até os atuais Chico Buarque de Hollanda, Edu Lobo e Marcos Vale. Incentivará também a formação de pequenos conjuntos vocais a seco ou acompanhados de instrumentos. E incentivará os jovens compositores.”

“Pode-se ter números individuais num fogo de Conselho?” perguntou Felipe.

“Você pode incentivar os números individuais,” disse Delta, “evitando, prudentemente o excesso deles. Como você sabe, o próprio B-P. era excelente em mímica e sabia entreter um auditório com números muito variados. Portanto incentive cada camarada da sua Tropa a cantar uma canção, ou recitar uma poesia, ou contar uma história curta ou a fazer uma imitação ou mímica.”

“Você, Felipe, poderá ouvir os “artistas” antes do Fogo de Conselho, para verificar a qualidade da exibição e evitar uma decepção,” disse Miguel.

“Sem dúvida”, disse Delta, “mas, lembre-se que eu várias vezes disse: — incentive! Faça com que a Tropa também compreenda isso. Nunca permita que alguém seja vaiado ou que cantem quadrinhas ou dêem gritos de desaprovação, que são equivalentes da vaia. Mesmo que o número não seja bom, ou que o artista não tenha qualidade, sabe-se que ele é um estreante que está fazendo o melhor possível, e seu esforço para a auto-expressão, sua vitória sobre a timidez merece um aplauso de incentivo. Afinal ele é um de nós, um membro da nossa Tropa ou da nossa família Escoteira. Não é um artista profissional e ninguém pagou para ver o espetáculo. A Tropa que vaiar ou zombar estará apenas demonstrando que ainda não começou a aprender o que é o Espírito Escoteiro. Um Fogo de Conselho é uma reunião de amigos. Dentro do seu círculo encantado só há lugar para a amizade ou amor fraterno, o respeito ao próximo, a cortesia, a generosidade e a bondade.”

“Amem!” disse Azul. “Delta, você ainda não falou sobre estórias no Fogo de Conselho.”

“Realmente.” concordou Delta. “Em todos os Fogos de Conselho há sempre lugar para uma boa estória, contada com arte antes do

encerramento. Nos fogos íntimos, no seio da Tropa, o Chefe deve sempre contar uma estória. Mais alguma dificuldade, Felipe?”

“Minha dificuldade é, seguramente, a dificuldade de muitas outras tropas novas e pouco numerosas,” disse Felipe. É, simplesmente, que eu não tenho boas vozes. Por ora as minhas duas dúzias ainda estão mais ou menos afinadas, mas já começo a ter mudanças de voz. Além disso não temos repertório. Anotei aqui mais de cem nomes de canções, se contarmos com as sugestões gerais e a obra musical dos autores citados. Mas vocês ainda vão ter que me dar as letras e eu vou ter que aprender as músicas, para depois transmitir aos meus rapazes.”

“Não desanime diante das dificuldades,” disse Delta rindo. Primeira resposta: — há cancioneiros escoteiros publicados; podemos emprestar ou você pode adquirir. Segunda resposta — a espécie mais simples de Fogo de Conselho é a parte da reunião semanal que podemos dedicar a ensinar a Tropa a cantar canções. Uma canção nova de cada vez e a repetição de uma antiga para não esquecer. Pode-se colocar nas mãos dos rapazes cópias das letras, mas isso, às vezes, reduz o interesse em gravar na memória. O melhor método será ter um cartaz com a letra, que no princípio será exibido, mas que logo depois será virado, para forçar a memorização. Terceira resposta — nosso Distrito promove nas tardes de sábado, no inverno, uma vez por mês, uma concentração de Escoteiros e Chefes que é chamada de Fogo de Conselho Distrital. Realmente não há Fogo, pois é feito dentro de um ginásio. Mas é uma boa chance para os Escoteiros de várias Tropas se misturarem e o melhor lugar para aprender novas canções. Isto ajudará sua Tropa e mesmo Tropas de menor efetivo.”

“Ficarei esperando ansioso pelo próximo inverno,” disse Felipe.

“No nosso e em outros Distritos já temos a participação de moças nestas reuniões de música e canto coletivo. E gostaríamos de ver os Distritos, grandes e pequenos, terem esta e outras áreas de cooperação co-educativa. Um Fogo de Conselho num parque local, numa tarde ou noite de verão é uma oportunidade para o Distrito conseguir excelente propaganda. Centenas de rapazes — e de moças — evidentemente

feizes e cantando em câoro, da melhor maneira possível – que melhor publicidade voc3e pode desejar?

“Est3e esfriando muito,” disse a m3e de Delta. “Voc3es devem entrar e tomar um caf3e. Irei faz3e-lo enquanto voc3es trazem as cadeiras, a bandeja e o resto. Voc3es podem continuar a conversa dentro de casa.”

“Fazer versos de assunto escoteiro para as melodias mais conhecidas 3e tamb3em uma boa id3eia. Nossa Tropa tem como can33o oficial uma letra feita para uma m3sica que, na 3poca, foi um sucesso. Mas n3o ser3e s3o voc3e que ter3e que fazer estas par3odias: muitos jovens mostram um talento admir3avel para fazer letras cheias de humor sobre melodias conhecidas e mesmo para compor m3sicas e versos originais. N3s temos uma quantidade enorme de letras colecionadas atrav3e dos anos, que 3e uma cr3nica musical dos acampamentos realizados. Isto tamb3em 3e uma tradi33o da Tropa,” disse Delta sorrindo.

Começaram a caminhar para a casa.

“H3 par3odias que s3o excelentes. Voc3e conhece a letra de “Lavar Panelas” sobre a m3sica de “Place Pigalle”? Conhece a “Can33o do Comiss3rio Distrital” sobre uma 3ria de uma 3pera?” disse Azul.

E sem esperar resposta começou a cantar com sua agrad3vel voz de baritono:

“Quando eu era um garoto numa Tropa eu ingressei;
Fiz as provas de Noviço, aprendi os n3s e a Lei;
E, ent3o, fiz muitas coisas que jamais havia feito...”

“Ele, ent3o fez muitas coisas que jamais havia feito...” cantaram em câoro, ir3nicos, Delta e Azul, sendo que, da metade em diante, Felipe se juntou a eles.

E Azul continuou: “E tudo fiz co’um geito tal, que chegou a Distrital!”

Com Azul iniciando o segundo verso todos ingressaram na casa e a noite começou a invadir, vagarosamente, o jardim.

SOBRE AS REUNIÕES DE PATRULHA

DEZEMBRO

Não havia luar, mas as estrelas estavam cintilando e, através das janelas iluminadas, as luzes das lâmpadas clareavam intensamente, naquela noite de verão, a rua. Voltavam da reunião mensal de Escotistas. Quando Delta, Felipe e Rodolfo começaram a caminhar juntos, retornando aos lares, ainda estavam vibrando, por detrás deles, as piadas matreiras e as últimas gargalhadas. Passeavam vagarosamente, gozando a noite agradabilíssima.

“Delta,” disse Rodolfo pouco depois, “você acha que as reuniões de Patrulha são essenciais?”

“Essenciais para quê ou para quem?” perguntou Delta, num tom provocador e irritante, como se não tivesse entendido.

“Para o bom Escotismo,” disse Rodolfo, após uma pausa para controlar sua natural reação.

“Delta, como você sabe, isto é realmente um problema,” disse Felipe. “Minha experiência é limitada, mas tenho lido alguma coisa e, parece-me que o método de B-P era simplesmente o seguinte: um bando de rapazes guiados e ensinados por jovens. Não será correto dizer que a melhor Reunião de Tropa é um agregado de Reuniões de Patrulha?”

“Sim,” respondeu Delta, “de certo modo, sim. Nas melhores reuniões de Tropa os Monitores, em grande emplitude, lideram suas Patrulhas em jogos, competições, proezas e atividades. Depende da natureza do Escotista, do seu temperamento, a extensão da liberdade de liderar que lhes é concedida. Porém mesmo com o melhor Escotista, a simples presença do adulto não pode ser ignorada e deixar de influen-

ciar. Por isso as reuniões de Tropa não substituem as reuniões de Patrulha. Quando se fala em reuniões de Patrulha entende-se, pelo menos teoricamente, que estamos mencionando uma reunião pela qual o Monitor é inteiramente responsável: é a hora e a vez do Monitor. Não há Escotistas presentes. Mas, Rodo, você pertenceu a uma Patrulha que durante anos realizou boas reuniões de Patrulha — pelo menos, sempre pensei que eram assim — e, depois, quando se tornou Monitor, você dirigiu as reuniões por muito tempo. Daí a minha surpresa com sua pergunta.”

“É verdade, Delta,” disse Rodo, “mas naquela época não existiam os Seniores. Eu tinha 16 anos (tal como os outros Monitores) quando cheguei a Monitor e, além disso, em nossa Tropa, as reuniões de Patrulha eram uma tradição. Também, Delta, nós tínhamos no início os nossos Cantos de Patrulha e, mais tarde, nossas saletas, as Cavernas de Patrulha. Veja você a diferença; meu problema no 14º é o seguinte: é um Grupo Evangélico — as autoridades religiosas são gentis e querem ajudar, mas, nós só dispomos do prédio e terreno da Capela. Para as reuniões de Tropa o salão paroquial não é mau de todo, pois temos alguns armários para guardar o nosso material e, como é natural, na maior parte do tempo da reunião nós estamos ao ar livre, mas não há chance (e nunca haverá) de ter no salão, ao menos um simples Canto de Patrulha. Outra coisa que acontece é que os garotos são bastante jovens e os Monitores só têm 14 anos. Eles prometem, mas eu imagino que não são ainda capazes de realizar uma reunião semanal de Patrulha, como sua Tropa faz, Delta, e eu costumava fazer, quando era um dos seus Monitores.”

“É exatamente o meu problema,” disse Felipe.

“Sendo assim, voltamos a minha pergunta,” disse Rodo: “São as reuniões de Patrulha essenciais?”

Caminharam, em silêncio, um pequeno trecho.

“É a palavra — essencial — que me deixa em dúvida,” disse Delta, afinal. “Prefereria dizer que a reunião de Patrulha é uma realização ou meta que deve ser sincera e ardentemente desejada. Devo confessar aquilo que é óbvio: alguns excelentes Escoteiros surgiram de

Tropas que, devido às circunstâncias (e não por oposição deliberada), jamais tiveram possibilidades de realizar, com regularidade, reuniões de Patrulha. O Monitor teve que se desenvolver como líder dentro do arcabouço das reuniões de Tropa e dos acampamentos. Raramente ele teve a sua turminha inteiramente sob a sua responsabilidade. Ainda assim, não há dúvida, tais Tropas produziram bons Escoteiros e líderes capazes. Penso que a coisa importante é a atitude do Escotista: o que realmente importa é se ele compreende exatamente qual o papel do Monitor no esquema de Baden-Powell e faz tudo que puder para ajudar — permitindo ao Monitor mostrar que quem manda é ele; ele é que dirige a sua Patrulha. O Escotista deve lhe dar o que B-P chamou de: “a direção responsável de sua Patrulha.” Ter Cavernas ou Cantos de Patrulha e reuniões de Patrulha realizadas com regularidade são os objetivos que todos nós devemos procurar alcançar — pois sabemos que, de fato, esta é a melhor meta. Mas, devemos compreender que no difícil mundo em que vivemos, teremos que colocar isto como uma segunda meta, que durante muitos anos não será alcançada.”

“Na verdade,” disse Rodo, “eles podem realizar algumas reuniões de Patrulha sem possuir uma Caverna ou Canto. Podem excursionar a pé ou de bicicleta e, num campo ou parque, trabalhar em conjunto no adestramento das etapas dos distintivos de Classe ou de Especialidades. Podem se reunir na casa ou jardim de um dos seus membros. Podem fazer acampamentos de Patrulha no fim de semana.”

“Podem,” disse Delta, “mas não é a mesma coisa. Na verdade, possuir sua própria Caverna é um atrativo maior. É mais fácil com uma Caverna ou Canto, mas, de forma alguma, impossível sem esse local. Devo dizer, Rodo, que se você acha, conforme declarou, que jamais poderá ter Cavernas (pelo menos para esta geração de Escoteiros), então deve se concentrar no que é possível, imaginando e incentivando reuniões de Patrulha que se realizem ao ar livre.”

“Os Escoteiros,” disse Felipe, com certa ingenuidade, “são Escoteiros para qualquer tempo, sol, chuva ou vento...”

“A dificuldade,” disse Delta, “é que nem todos os pais são pais para qualquer tempo. Com chuva ou vento não deixam os filhinhos

saírem de casa. E há outros pais ao quadrado que não deixam os filhos excursionar ou acampar quando sabem que eles irão só com os companheiros e um Monitor quase da mesma idade. Seus filhinhos só vão para o ar livre e para o campo quando vai um adulto. E existem os pais ao cubo, que não deixam os seus anjinhos acampar nem com a presença de vários Escotistas... Mas para tudo isso há um só remédio: a entrevista inicial e as subseqüentes informações e explicações sobre o método escoteiro, e porque usamos o ar livre, o sistema de Patrulhas, as excursões, os acampamentos, etc. Se estabelecermos, como já expliquei, um clima adequado de compreensão e cooperação entre o Escotista e os pais, tudo irá bem."

"Você acha, Delta, que esses garotos mais jovens, de 13 ou 14 anos, podem liderar suas Patrulhas?" perguntou Rodo.

"Certamente podem," afirmou Delta. "Por que não? Afinal de contas, agora que a nossa Tropa de Seniores está se desenvolvendo separadamente, todos os meus Monitores estão em torno de 14 anos.. E continuamos a realizar, exatamente como antes, as reuniões e atividades de Patrulha. Lembre-se das palavras de B-P: "um passo imediato, na construção do caráter, é pôr a responsabilidade nos ombros do indivíduo." O Monitor autocrático, de 16 anos, dirigindo seus inferiores, seus escravos, é coisa ultrapassada. O Monitor mais jovem torna a Patrulha mais homogênia, mais democrática. Mas teremos, é claro, que ajudar um pouco mais — afinal é esta a nossa função: aconselhar, incentivar e orientar. Penso que o assunto — reuniões de Patrulha — tem que ser um ítem importante na agenda da Corte de Honra, talvez uma vez por mês ou cada dois meses, quando os Monitores poderão relatar uns aos outros, seus sucessos, fracassos e dificuldades (que serão principalmente, eu imagino, falta de comparecimento, programa e disciplina) e discutir esses problemas mais interessantes; se os pais são a dificuldade, o Escotista poderá ajudar com uma palavra a tempo e a propósito ao Escoteiro e aos pais. O problema da disciplina é um problema de liderança: cabe ao Escotista ensinar ao rapaz, que é um aprendiz de líder, as técnicas de liderança e a dinâmica de grupo; e aconselhar ao jovem, que está aprendendo as lições da

experiência, mostrando-lhe que todos os homens (e portanto, todos os jovens) são diferentes e que são necessárias diferentes formas de abordagem para atingir, com cada um, os mesmos objetivos. Quanto ao programa, os Monitores mais jovens precisam de uma ou duas sugestões sobre os programas do próximo mês — concentrando-se sobre os assuntos que figuram no programa da Tropa, sejam estes natação, ou morse, ou boa apresentação e garbo, ou algo na linha de projetos bem definidos.”

“Projetos?” perguntou Felipe.

“Uma atividade central, fundamental, principal para a reunião de Patrulha,” disse Delta, “como, por exemplo, fazer modelos (de acampamentos, de construções de pioneiria, de barcos, de navios, de planadores, de aviões, de automóveis, de locomotivas, de máquinas, de motores, de foguetes e satélites espaciais, etc.) e fazer outros tipos de trabalhos manuais e de artesanato (redes, cestos, chinelos, mocasins, cintos, bolsas, objetos de metal, de madeira, de cerâmica, tecelagem, etc.) que possam ser exibidos e vendidos na Exposição, Bazar ou Quermesse da festa de aniversário do Grupo. Ou, então, fabricar ou concertar brinquedos, coletar ou fazer peças de roupa e objetos úteis para uma Boa Ação coletiva no Natal ou em outra época do ano. Ou fabricar aquela espécie de máquinas primitivas de fazer cabos ou colchões de palha para o acampamento. Ou fazer uma exploração e um esboço de levantamento topográfico numa área delimitada, a poucos quilômetros de distância, para verificar se serve para um acampamento ou se é adequada para um aerodromo, ou para uma série de grandes jogos interpatrulhas. Ou o projeto pode focalizar e dar ênfase a uma parte do adestramento escoteiro, por exemplo; dar a cada Monitor uma meia dúzia de mapas em grande escala de uma zona rural próxima (sem dúvida você nada pode fazer sem o material adequado) e sugerir que os Escoteiros se tornem familiares com a leitura de mapas, olhando e sentindo um mapa, ou comparando um mapa com a realidade do terreno, ou cada um testando os outros na orientação do mapa no terreno ou com a bússola, na identificação e significação dos sinais topográficos, na plotagem de pontos pelas coordenadas, no

encontro do bom caminho entre dois pontos através de estradinhas e veredas ou através de rios, canais e lagos, etc. O grande objetivo é que cada Escoteiro tenha um mapa para brincar com ele. Se vocês me perdoam uma digressão, considero algo digno de nota a idéia de dar ao Escoteiro que conquistou o seu Distintivo de Segunda Classe, um mapa, em grande escala, da área em que ele vive — como um presente da Comissão Executiva. Por que não? É um bom meio de aplicar os fundos...’’

’’Eu ainda estou na fase de arranjar os fundos,’’ disse Felipe, ’’Mas você tem razão. Desculpe a interrupção. Continue, por favor, sugerindo projetos para as reuniões de Patrulha, Delta.’’

’’Há uma fartura de projetos possíveis. Por exemplo: uma excursão pela noite a dentro, quando não houver aulas no dia seguinte, para observar estrelas, ou a vida selvagem noturna; praticar o lançamento de um cabo de salvamento; preparar uma pequena peça teatral para ser representada na reunião de Tropa — e, ao final da representação, o Monitor pergunta ao resto da Tropa (e aos Escotistas!) um certo número de questões que desafiem a observação e a memória: — Que disse Eurico antes de morrer? — Onde estava a faca escondida? — Qual a cor da capa do livro que Helena trazia nas mãos?’’

’’Nós fizemos isso quando eu era Monitor,’’ lembrou Rodolfo.

’’Outra idéia: vocês sabem que eu sempre acho que não usamos bastante os sinais e códigos secretos de Patrulha. Há também a fabricação de sacos de pano para empacotar o material e permitir uma boa arrumação da mochila. A Especialidade de Guia é excelente para uma Patrulha conquistar em conjunto e ocupará muitas reuniões de Patrulha’ A Especialidade de Artista permitirá atividades em que entram desenho, escultura e gravura. Se o Monitor ou algum Escoteiro toca violão, a reunião pode ser de canto e música. Há fábricas, fazendas e museus a visitar, assim como Jardins Zoológicos e Botânicos, e também Estações Meteorológicas, Observatórios Astronômicos, Planetários, Bases Navais, Campos de Aviação e unidades de Carros de Combate ou de Paraquedismo. Há Asilos de Velhos, Orfanatos, Igrejas e Escolas que precisam de Boas Ações. Há a natureza, flora e fauna,

para observar, fotografar e desenhar. Há modelos em gesso de pegadas a fazer. Podemos fabricar pombais, ou abrigos e bandejas suspensas para pássaros, com água e comida. Há álbuns para colecionar folhas, flores e vegetais. Há coleções de conchas e de insetos. Qualquer um pode continuar dando idéias e mais idéias durante horas..."

"Bem..." disse Rodo, refletindo em voz alta. "Só um dos meus "caras" já tentou fazer aquilo que uma reunião de Patrulha deve ser. Acho que os outros jamais ouviram falar nisso. Lembrem-se que eu só voltei ao Escotismo a um par de meses. Mas agora vamos botar isso para a frente. Discussão dos meios e modos na Corte de Honra, um pouco de conselhos no princípio; ítem permanente na agenda da Corte de Honra, e, por vezes, algum projeto definido."

"Muito bem," disse Delta quando chegaram ao ponto em que seus caminhos se dispersavam, "deixe que os rapazes lancem suas redes com ampla liberdade, quando se tratar de atividades de Patrulha. Diz um poeta: "Um menino age e vive como sopram os ventos... e a juventude tem largos, amplos, vastos pensamentos." Ponha na mão dos seus Monitores os livrinhos que existem sobre atividades de Patrulha, acampamentos e sobre idéias para o adestramento de etapas. Eles podem usar as idéias encontradas nos livros ou criar outras, com sua imaginação. Surgira aos Monitores que os pais, amigos do grupo, antigos Escoteiros, Pioneiros e Seniores podem ser usados como instrutores para Especialidades ou etapas, ou para trabalhos manuais e modelagem; se forem convidados, podem comparecer numa reunião de Patrulha para ensinarem suas técnicas ou suas artes. Eles, como intermediários, também podem conseguir visitas da Patrulha a uma siderúrgica ou a uma torre de aeroporto, sendo recebidos por alguém entendido que dê as explicações. Quem pode prever o ponto de vista ou o súbito interesse de um menino?"

"Delta, que acha você mais importante para o sucesso das reuniões de Patrulha?" perguntou Felipe.

Delta afirmou, dogmático: "O essencial é o comparecimento do Monitor com absoluta pontualidade. Marcar reuniões e não comparecer, mata, em pouco tempo, a melhor Patrulha. Todos podem faltar

ou atrasar-se, menos ele. Em segundo lugar, ter um programa planejado que cubra e mesmo ultrapasse o tempo previsto para a reunião. Pode se cortar o que sobra, mas ninguém deve ficar inativo por um momento — é a ociosidade que gera a indisciplina. Terceiro — deve ter um repertório de jogos e competições que possam ser realizados pelo pequeno número de elementos que a Patrulha tem. Quarto — o Monitor e o Submonitor devem ser íntimos colaboradores e amigos.”

“Milhões de agradecimentos, Del,” disse Rodo. Vou dar a partida para os meus garotos. Amor e saudades. Qualquer noite dessas eu apareço. Boa Noite, Felipe.”

“Boa noite,” disseram ambos. Delta andou um pouco mais e entrou em casa. Felipe se afastou caminhando enquanto as lâmpadas das janelas começavam a serem apagadas.

SOBRE O CUMPRIMENTO DA LEI ESCOTEIRA

JANEIRO

“Citando o escritor inglês Chesterton,” disse Rafael deitado no chão, entrelaçando os dedos das mãos atrás da cabeleira castranho-escura para repousar a cabeça e esticando suas longas pernas até que seus pés, levantados, repousaram no braço da poltrona de Delta; e fingia falar irrefletidamente e despreocupadamente, porque, tendo 16 anos, odiava demonstrar os seus sentimentos. “Citando o escritor inglês Chesterton: — “Qual a vantagem em continuar desta forma?”

Delta nada disse, mas olhou para ele interrogativamente.

“Você sabe tão bem quanto eu, Del,” disse Rafael, “que eu não cumpro nenhum dos artigos da Lei Escoteira, exceto, um, eu acho, pois nunca sou cruel para os animais — eu odeio a crueldade de qualquer espécie — e suponho que sou moderadamente cortês.”

“Eu poderia dizer que você é leal,” disse Delta.

“Poderia dizer?” disse Rafael num tom de dúvida; “Leal a quem? Aos meus pais, por exemplo, quando, na verdade, se eles conhecessem metade das coisas que faço, como suponho que você saiba, eles se envergonhariam de mim... Aliás, eu acho que você já está envergonhado de mim a muito tempo...”

“Você está envergonhado das coisas que faz?” perguntou Delta.

“Não,” respondeu Rafael olhando firme para Delta. “Desculpe, Delta, mas não estou.”

“Por que você não veio conversar comigo antes, Anjo?” perguntou Delta.

O rapaz demorou um pouco a responder e sua voz era nada mais que um murmúrio quando disse: “Eu não queria ser expulso. Eu não queria ir embora. Eu não quero deixar de ser Escoteiro. Eu amo o Escotismo. Gosto dos acampamentos e do bando de companheiros, e do resto, e de tudo o que isto significa. E, ainda mais, eu acredito nisto, Del, apesar de eu ser um fracassado podre em tudo isto. Eu sei que isto significa algo mais do que um lenço no pescoço, calças curtas e uma cambada de distintivos... E eu sinto esta coisa quando vivo, um mínimo que seja, de acordo com isto. Mas não posso continuar – e por isso vim procurá-lo. Vestir o uniforme com garbo e desejar ser Escoteiro da Pátria... Que tapeação! Que fraude! Pelo menos tirei o distintivo da lapela...”

“Eu havia reparado,” disse Delta. “Também vou retirar o meu, pois assim, para começar, estaremos iguais.” E retirou-o, matendo-o fechado na mão.

Rafael, vagarosamente, abaixou as pernas, levantou o corpo e sentou-se. “Por que você fez isto?” perguntou.

“Por que você retirou o seu?” respondeu Delta interrogando.

“É isto que eu estou tentando dizer a você,” disse Rafael desesperadamente, “é porque eu não cumpro nem a Primeira, nem a Décima Lei, e, dificilmente, qualquer das outras que estão entre elas.”

“Era o que eu pensava,” disse Delta e pôs o seu distintivo de lapela dentro do bolso.

Rafael ficou olhando fixamente para Delta durante um momento. “Não compreendo,” disse.

“Eu não me proponho a usar de meias palavras como você; você é muito inteligente. Você é também esta é a verdade, egocêntrico. Mas isso não explica, nem justifica, que você tivesse a impertinência de vir aqui e imaginar que você é o único na Tropa (ou em todo Movimento Escoteiro!) que tem dificuldade de cumprir a Lei Escoteira! Que pretensão boba!”

“Continue, Delta,” disse Rafael olhando firme.

“Aos 16 você acha certas leis quase impossíveis de cumprir... Pois bem, aos 40 eu acho certas leis bastante difíceis de cumprir; e

entre estas idades é a mesma coisa. De nada valeria termos uma Lei Escoteira que não fosse difícil de cumprir. Jamais alguém pretendeu afirmar que uma vida correta é fácil! Você (entre outras coisas) é original, sensível e inteligente, e você tem que pagar por possuir essas coisas. Cada camarada da Tropa tem uma fórmula, uma composição diferente de temperamento ou caráter — chame isso como você quiser — e tem dificuldades de conduta de acordo com sua personalidade. Você tem; eu tenho também. A Lei Escoteira é um desafio: acho que você está compreendendo isto pela primeira vez. Compreendendo que a Lei não é apenas uma página com palavras impressas, mas alguma coisa que está viva e que é exigente. Se você aceita o desafio ou não, isto depende de você. Os fracos e os medrosos nunca aceitam desafios.”

“Eu nunca recusei um desafio!” gritou Rafael.

“Sei disso,” disse Delta, “e muitas vezes fiquei imaginando por que, com sua audácia em aceitar desafios perigosos, até agora você não quebrou o pescoço. Mas esse desafio é diferente. Que acontece quando você é desafiado para fazer alguma coisa difícil ou perigosa? Você enfrenta a coisa, via em cima dela... e faz! E isto é o fim de tudo, acabou o desafio e o perigo. mas se você aceita o desafio da Lei Escoteira, irá falhar, e falhar de novo; quando acerta e parece que tudo vai bem, você falha de novo, porque o desafio e o perigo nunca terminam, enquanto você está vivo. Isto acontece com você; acontece comigo; aconteceu com todos. E se você tem êxito, consegue cumprir a Lei, só você e Deus ficam sabendo. Não haverá aplausos nem gritos de júbilo dos companheiros: “Formidável, Anjo!” — esses aplausos e gritos de que você tanto gosta, não é verdade, Anjo? Não é pelos aplausos, pelo “cartaz” que você aceita os desafios e põe em risco a sua vida?”

“É verdade,” disse Rafael, baixando a cabeça, “eu sei que sou vaidoso.”

“Vaidoso, bolas!” disse Delta. “Então eu também sou vaidoso. São igualmente vaidosas todas as pessoas sensíveis. Todos nós gostamos de ser elogiados quando conseguimos fazer alguma coisa. E, apro-

veitando a ocasião, convém dizer que você não prometeu cumprir a Lei Escoteira...”

Os olhos de Rafael, tinham voltado a encarar Delta desde que esse recomeçou a falar; agora, piscou rapidamente, sorriu e disse: “Eu não prometi? Então que é que eu fiz e repeti tantas vezes?”

“Você só prometeu fazer o melhor possível para cumpri-la,” disse Delta. “Não estou lhe oferecendo uma desculpa para consolá-lo. Você não aceita desculpas para as suas falhas — só os fracos as aceitam, e você, Anjo, o que quer que você seja, você não é um fraco.”

“Não,” disse Rafael devagar, “eu não acho que sou um fraco...”

Delta levantou-se e atravessou a sala em direção das estantes de livros, apanhou um volume, abriu e citou uma frase: “Deus quer que eles aprendam a caminhar sozinhos e, por isso, deve retirar Sua mão; e, se, pelo menos, a vontade de caminhar, de progredir, está realmente presente, Ele se contenta mesmo com seus tropeços.” Delta fechou o livro. “compreendeu?” perguntou ele.

“Compreendi,” disse Rafael serenamente. Então a porta se abriu e Miguel entrou.

“Alô, Del!” disse Migo, “Alô, Anjo!” Sua sensibilidade captou a seriedade do ambiente e seus olhos perscrutaram avidamente as figuras humanas buscando indícios que justificassem sua intuição. “Há alguma coisa diferente em você, Del. Um minutinho... Você não está usando o seu distintivo escoteiro na lapela. E Anjo também não está.”

Delta riu. “Observação de primeira classe,” disse ele. “O nosso Migo é bom demais nisso, não é, Anjo?”

“Ninguém me apanha desprevinido!” disse Miguel.

Delta apanhou seu distintivo no bolso e fê-lo deslizar pela casa da gola do casaco.

Rafael hesitou um momento. Sua mão se ergueu e ficou parada na altura do bolso. Depois, rápido, apanhou seu Distintivo Escoteiro, olhou-o afetuosamente e colocou-o de novo na sua lapela.

Cabe uma homenagem pela iniciativa do chefe **Sauro José Bartolomei**, que nos legou uma bela coleção de livretos muito úteis para o desenvolvimento do escotismo brasileiro.



**CHEFE ESCOTEIRO
LEIA TODA A SÉRIE
OPINIÕES DE DELTA**

1. Sobre o Planejamento dos Programas de Tropa
Sobre as Tradições da Tropa
Sobre Pais, Conselho de Grupo e Comissão Executiva de Grupo
2. Sobre uma Jornada de Segunda Classe
Sobre o Modo de Contar Estórias
Sobre os Acampamentos de Fim de Semana
3. Sobre Fogos de Conselho
Sobre Reuniões de Patrulha
Sobre o Cumprimento da Lei Escoteira
4. Sobre o Modo de Tocar a Própria Trombeta
Sobre os Caderninhos de Notas
Sobre o Jogo do Kim
5. Sobre Uma Caça ao Tesouro
Sobre a Ordem dos Botões Azuis
Sobre Pastel
6. Sobre a Jornada de Primeira Classe
Sobre a Conquista da Primeira Classe
Sobre os Seniores
7. Sobre a Alcatéia
Sobre a Especialidade de Aventureiro
Sobre o Noviço Tim
8. Sobre Azul
Sobre a Insígnia da Madeira
Sobre a Reunião Anual do Grupo